

PODEMOS MARCAR UM *MEET*? REFLEXÕES SOBRE OS USOS DA ENTREVISTA NÃO PRESENCIAL COMO TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

SHALL WE SCHEDULE A MEETING? REFLECTIONS ON THE USE OF NON-FACE-TO-FACE INTERVIEW AS A TECHNIQUE OF DATA COLLECTION

Luise Rodrigues Antunes¹

Andressa Hennig Silva²

Carolina Freddo Fleck³

Aliki Karagrigoriou Galanos⁴

Resumo: O uso de entrevistas em formato não presencial aparece nos debates científicos como uma alternativa para a técnica de coleta presencial, mas com a propagação da pandemia do COVID-19 seu uso aumentou. O presente artigo buscou analisar as possibilidades e desafios do uso da entrevista não presencial como técnica de coleta de dados, a partir dos relatos de experiências durante a pandemia do COVID-19. A pesquisa é de abordagem qualitativa fazendo uso de entrevistas semiestruturadas (presenciais e não presenciais) realizadas com professores da área da administração. Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo. Os resultados apontam para a consolidação do uso da técnica como uma "nova" forma de coleta de dados no cenário pós-pandêmico. Além disso, os resultados trazem relatos que identificam vantagens e desvantagens da utilização dessa modalidade de entrevistas, além de discutir as ferramentas disponíveis para sua condução.

Palavras-chave: Pesquisa Qualitativa; Entrevista; Coleta Online.

Abstract: The use of non-face-to-face interviews appears in scientific debates as an alternative to the face-to-face collection technique, but with the spread of the COVID-19 pandemic their use increased. The present article sought to analyze the possibilities and challenges of using non-face-to-face interviews as a data collection technique, from the reports on experiences during the COVID-19 pandemic. The research is of qualitative approach by conducting semi-structured interviews (face-to-face and non-face-to-face), carried out with professors from the administration field of study. Data were analyzed based on content analysis. Results point to the realization of the use of the technique as a "new" way of collecting data in the post-pandemic scenario. Moreover, results provide reports that identify advantages and disadvantages of using this interviewing modality, in addition to discussing the tools available.

Keywords: Qualitative Research; Interview; Online Data Collection.

1 Introdução

¹ Mestranda, Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: luiseantunes.aluno@unipampa.edu.br

² Doutora, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: andressasilva@unipampa.edu.br

³ Doutora, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: carolinafleck@unipampa.edu.br

⁴ Mestranda, Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Santana do Livramento, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: aliki.g.kara@gmail.com

Durante a pandemia em decorrência da disseminação do vírus COVID-19, as tecnologias foram cada vez mais utilizadas em todas as esferas de nossas vidas, não sendo diferente no ensino. A esfera educacional teve que reinventar o modo em que se executavam as atividades, passando de um formato majoritariamente presencial para um cenário totalmente remoto. E se toda a esfera educacional se reinventou, junto foi necessário adaptar os processos de pesquisa, especialmente em áreas como as ciências sociais e humanas, nas quais existe volume de pesquisas de abordagem qualitativa que demandam o contato presencial com os sujeitos da pesquisa.

É fato que juntamente ao avanço da tecnologia a pesquisa qualitativa avançou, tornando a busca por material relevante, informações e conhecimento mais ágil por meio da tecnologia, facilitando assim o processo da pesquisa. Bem como coleta de dados, como as de entrevistas, agora podem ser realizadas utilizando chamadas por telefone, envio de mensagens, e-mails e videoconferências, além das presenciais (GRAY *et al.*, 2020). Mas os primeiros anos a partir da deflagração da pandemia foram especialmente desafiadores e impositivos para que esse processo fosse acelerado.

Mesmo desde o início da pandemia, quando o isolamento social era a única forma de se proteger do contágio do vírus, as pesquisas não podiam parar. Fossem essas da área da saúde, na busca de vacinas e medicamentos. Ou em outras áreas do conhecimento, para buscar compreender como a sociedade respondia à essa nova situação e evidenciar os problemas recorrentes do período de crise sanitária e emergencial vivenciada mundialmente.

A entrevista é considerada uma das técnicas mais importantes para coleta de dados, que consiste na conversação de dois indivíduos (investigador e investigado) com objetivo de obtenção de dados e informações relevantes. E pode ser executada em duas modalidades - as presenciais e as não presenciais, sendo a primeira considerada a “tradicional” (GIL, 2019). Schmidt *et al.*, (2020) relatam que a condução de coleta de dados através de entrevistas presenciais, ou seja, as entrevistas *face-to-face*, em razão das medidas sanitárias tinham, a predisposição de serem inviáveis e, portanto, afetar a execução de pesquisas. Mas isso não precisava ser necessariamente negativo, uma vez que diversos autores desde antes do decretado do início da pandemia já discutiam sobre os benefícios da realização de entrevistas mediadas pela tecnologia ou das próprias desvantagens das entrevistas presenciais (DEAKIN; WAKEFIELD, 2014; JANGHORBAN *et al.*, 2014). Inclusive, Deakin e Wakefield (2014) sugerem que a forma

como a tecnologia tem modificado nossas percepções sobre a condução das entrevistas deveria ser levada “mais longe”.

Considerando esse contexto, que exigiu adaptação ao uso intenso e direto das tecnologias, e estudos anteriores que já apontavam a perspectiva do uso de tecnologia como mediador do processo de entrevista, este estudo tem o propósito de responder ao seguinte questionamento: **Quais as possibilidades e desafios do uso da entrevista não presencial como forma de expandir as possibilidades da coleta de dados qualitativa?** Tendo como objetivo analisar as possibilidades e desafios do uso da entrevista não presencial como técnica de coleta de dados, a partir dos relatos de experiências durante a pandemia do COVID-19.

Pesquisas como a de Deakin e Wakefield (2014), Janghorban *et al.*, (2014), Schmidt *et al.*, (2020) e Gray *et al.*, (2020) estudam como as entrevistas mediadas por tecnologias funcionam, mas também em sua maioria sugerem o estudo contínuo delas como uma nova modalidade de técnica de coleta de dados. Os estudos demonstram que as entrevistas on-line já eram realidade no período pré-pandemia, mas que ainda careciam de maior compreensão, por parte do meio acadêmico, sobre suas possibilidades e usos. Sendo assim, o presente trabalho justifica-se na necessidade de estudos contínuos, sugeridos pelos autores, ademais, diferencia-se por trazer o contexto da pandemia como cenário de pesquisa visto que são poucos os estudos que consideraram o contexto pandêmico na realização de pesquisas e o modo de uso de ferramentas para coleta de dados.

Este estudo está assim estruturado, após a introdução, o referencial teórico proporciona uma breve revisão de teoria sobre a pesquisa qualitativa e as entrevistas. A terceira seção discute os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa, enquanto a quarta seção apresenta os resultados obtidos. Por fim, considerações finais são apontadas.

2 Referencial Teórico

2.1 Pesquisa qualitativa e adaptações da pandemia

A pesquisa é o processo indicado para obter respostas sobre problemas que são apresentados. Ela é realizada a partir do momento em que não há embasamento suficiente sobre o assunto a ser discutido, ou quando seus dados existentes estão defasados, ou ainda, controversos. Dessa forma, para realização de uma pesquisa é preciso um conhecimento

prévio já existente sobre o tema, utilizando assim uma série de técnicas e procedimentos para investigação científica, coleta de dados e explanação dos resultados obtidos (GIL, 2017). Uma constante busca por respostas que podem se originar em duas razões: intelectuais e práticas. As pesquisas com razões intelectuais buscam respostas às inquietações do pesquisador, e as com razões práticas são realizadas para dissertar sobre um problema existente (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

As pesquisas são a trajetória que nos permite construir a realidade de um fato. E tendem a ser conduzidas duas abordagens: qualitativa e quantitativa. Podem ainda ser mistas, trabalhando com múltiplas fontes de dados. Essas abordagens produzem resultados distintos de pesquisa, pois quantitativa está ligada à estatística, sem a interação do pesquisador no meio social. Já a pesquisa qualitativa busca estudar os contextos em que a realidade está submetida, e para isso vai precisar da interação direta do pesquisador com o objeto de estudo (MINAYO *et al.*, 2009).

Conforme Flick (2009, p. 20), a pesquisa qualitativa se faz relevante para as ciências sociais devido à ‘pluralização das esferas da vida’, ou seja, é uma ciência que ajuda a entender o contexto de cada categoria e sociedade a partir do entendimento do pesquisador. A pesquisa qualitativa é aquela que se dá a partir da interação sujeito-objeto, para realmente compreender as atividades humanas, suas ações e motivações e o que os leva a tomar suas decisões. Com isso são adotadas técnicas de interação por pesquisadores para facilitar na hora da coleta de dados, as quais são ressaltadas: entrevista, observação direta e participante, entre outras (OLIVEIRA, 2010, p. 7).

Desde o ano de 2020⁵, o cenário de como fazer uma pesquisa precisou ser adaptado, devido ao surgimento de uma doença respiratória denominada COVID-19, causando uma pandemia mundial, como relatam Couto *et al.*, (2020). Essa doença mudou o cenário de como experienciamos o mundo, uma vez que, a partir dela foram adotadas muitas medidas de segurança como distanciamento e isolamento social, uso de máscaras, álcool em gel etc. como medida para evitar a sua propagação. Assim, foi disposto no Brasil, por meio da Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, que as aulas presenciais deveriam ser substituídas pelo ensino remoto, enquanto durasse a pandemia.

Esse cenário teve como consequência o fechamento das universidades por um período. Os trabalhos acadêmicos foram direcionados para uma conjuntura mais

⁵ Entende-se desde o ano porque ainda estamos, em muitas áreas, em processo de retomada de atividades de pesquisa presenciais e porque entendemos que a pandemia trouxe uma adaptação ao remoto/virtual que veio para ficar. E, portanto, permanece desde então.

doméstica, na qual docentes e discentes precisaram se adaptar às novas circunstâncias. As atividades de ensino e pesquisa foram transferidas para as plataformas on-line como forma de garantir a continuidade da produção acadêmico-científica (AZEVEDO *et al.*, 2021).

Tendo em vista que o ensino migrou para a modalidade remota, a forma de pesquisa também sofreu alterações, uma vez que essas duas atividades são muitas vezes correlacionadas. As formas de fazer pesquisas, coletar dados, precisaram de adaptação, como no caso das entrevistas (objeto deste estudo), em que a interação pesquisador-pesquisado não poderia ser presencial, assim passou a ser necessário o uso da tecnologia como mediadora ou até mesmo possibilitadora do processo.

2.1.1 Entrevista

A entrevista é um instrumento de coleta de dados qualitativo. Gil (2019) a compara com o tubo de ensaio da química e com o microscópio da microbiologia para fazer uma analogia do quão importante ela é no que ele chama de investigação social. Gerhardt e Silveira (2009) a definem como o instrumento de interação social em que uma das partes procura a obtenção de dados da outra que se torna fonte de informação. Em complementação, Minayo *et al.*, (2009) constam que esse instrumento é aquele que necessita de duas ou mais pessoas para realizar uma conversa realizada por iniciativa do entrevistador a fim de obter informações úteis necessárias para alcançar o objetivo de pesquisa proposto.

Na literatura já se entende que as entrevistas podem ser tanto presenciais quanto mediadas por tecnologias como o telefone ou a internet e uma vantagem dessa modalidade a possibilidade de entrevistar pessoas geograficamente distantes ou até que possam se situar em locais menos seguros ou inacessíveis para o pesquisador (BRINKMANN, 2017).

A realização de entrevistas para Brinkmann (2017) devem ser planejadas e conduzidas a fim de obter informações relevantes sobre o objetivo do pesquisador em produzir conhecimento. Gil (2017) apresenta alguns fatores e condições a serem considerados e planejados ao se conduzir uma entrevista, esses são: a definição do tipo de entrevista, a seleção dos participantes e, por último, a negociação da entrevista. Para definir o tipo de entrevista é necessário classificar a modalidade do instrumento, se ele será estruturado, semiestruturado ou com pautas entre outras. A seguinte trata dos entrevistados, os tipos de informantes pertinentes ao objeto estudado. Quanto ao último

fator, a negociação, recomenda-se que um “contrato” seja feito com o objetivo de esclarecer os objetivos da pesquisa e o “lugar” de cada parte (entrevistado e entrevistador), ou termo de consentimento livre e esclarecido. Neste ponto, torna-se importante citar um condicionador de fidedignidade que poderia ser adicionado à lista dos fatores anteriormente citados. Esse condicionador é o proposto por Minayo *et al.* (2009) que trata dos instrumentos de registro da entrevista, como a sua gravação.

Segundo Brinkmann (2017), as entrevistas não podem ser classificadas estruturadas ou não estruturadas, pelo menos não completamente; o mesmo autor as divide em relativamente estruturadas, semiestruturadas e relativamente não estruturadas. O primeiro tipo são aquelas com lógica similar à dos questionários, nos quais o entrevistador faz perguntas predefinidas e as lê tal qual está em seu roteiro. As relativamente não estruturadas iniciam por uma pergunta feita pelo entrevistador que se torna um “ouvinte” e pode ocasionalmente fazer outras perguntas com objetivo de compreender mais a história que está ouvindo do entrevistado. Por fim, as semiestruturadas são o meio termo das anteriormente mencionadas e são as mais utilizadas nas ciências sociais e humanas. Apesar do autor apontar para o uso do relativamente, o fato é que as estruturas ainda são condizentes com a perspectiva de roteiro estruturado, semiestruturado e não estruturado.

Algumas vantagens do uso da entrevista são principalmente a maior abrangência da população, ou seja, os entrevistados podem ser de diferentes segmentos da população (LAKATOS; MARCONI, 2003; GIL, 2019; FLICK, 2009; GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Por exemplo: ele não precisa saber ler ou escrever; há maior flexibilidade para o entrevistador repetir ou esclarecer algumas dúvidas durante a aplicação da entrevista (não válido para roteiros estruturados); e, por fim, a maior profundidade das respostas, entre outras.

Quanto às limitações da entrevista é sugerido por Gil (2019) e Gerhardt e Silveira (2009) que esse instrumento necessita de mais tempo e mais recursos financeiros. Além disso, eles concordam que outra característica que pode se tornar em desvantagem é a influência que o entrevistador exerce sobre o entrevistado, entre outras restrições da entrevista.

Flick (2009) destaca que muitos dos métodos qualitativos existentes vêm sendo adaptados para serem dispostos nas plataformas que utilizam a internet como fonte e questão de pesquisa. As entrevistas são um exemplo, pois outrora eram realizadas somente presencialmente, e na contemporaneidade novas formas estão surgindo, como as

entrevistas realizadas por e-mail e outros meios digitais. Para Janghorban *et al.*, (2014) é pertinente distinguir os tipos de entrevista on-line em: síncronas e assíncronas. Schmidt *et al.*, (2020) relatam que as videoconferências, ou seja, as entrevistas síncronas, apresentam um volume maior de informações e dados quando comparadas com as formas assíncronas de coletar dados. Formas assíncronas se referem a mensagens ou até áudios, entre outros, em que se pode perder pela falta da interação e pelo *timing* entre os agentes (entrevistador e entrevistado).

Deakin e Wakefield (2014) afirmam primeiramente que as entrevistas realizadas *face-to-face* podem ser problemáticas por razões tanto de tempo quanto de dinheiro e logística. Nesse mesmo raciocínio eles argumentam que as entrevistas on-line síncronas poderiam complementar ou até substituir a coleta de dados presencial. Os mesmos autores apontam que uma questão importante é que alguns potenciais entrevistados poderiam deixar de participar, uma vez que necessitam de conexão com a internet, o *software* adequado e certas competências tecnológicas. Aqui é importante notar que a entrevista on-line proposta pelos autores é realizada de maneira síncrona.

Em complementação, Janghorban *et al.*, (2014) contribuem no conhecimento sobre a coleta de dados por meio da entrevista on-line e ressaltam a flexibilidade que ela proporciona para ambas as partes e principalmente do pesquisador que busca alcançar potenciais entrevistados importantes para o estudado que não poderiam participar de outra maneira. Gray *et al.*, (2020) também indicam que a entrevista por meio de videoconferência auxilia os pesquisadores tanto para manter os custos da pesquisa mais baixos quanto para alcançar uma gama de entrevistados de maior quantidade e diversidade.

Deaking e Wakefield (2014) colocam que o pesquisador moderno tem uma variedade de opções disponíveis para a realização das entrevistas on-line, o que foi usado como vantagem na condução de pesquisas. Schmidt *et al.*, (2020) dizem que no cenário da pandemia da COVID-19, esse meio de coleta de dados acabou sendo uma das limitadas opções disponíveis para dar continuação nas pesquisas. Brinkmann (2017) quanto às futuras perspectivas insiste que é importante que os pesquisadores continuem se questionando sobre essa técnica de coleta de dados, uma vez que ela é muitas vezes vista como algo natural e certo.

3 Procedimentos Metodológicos

O presente estudo aborda a temática dos estudos qualitativos, também com o uso da abordagem qualitativa, considerando que a própria entrevista seria a melhor técnica para coletar os dados sobre os desafios e possibilidades das coletas de dados mediante entrevistas não presenciais no cenário de pandemia. Para Sordi (2013), a pesquisa qualitativa trabalha com técnicas de coleta e análise interpretativa, e tem sua natureza subjetiva, dessa forma ela é a melhor para entender situações complexas do cotidiano, podendo levar a vários cenários diferentes.

O método utilizado nesta pesquisa foi o narrativo. Gil (2017) reforça que a pesquisa narrativa é aquela utilizada para apresentar histórias de um indivíduo, suas vivências, ou experiências que possam ser contadas. O fato de o estudo buscar refletir a partir dos relatos de pesquisadores sobre como foi realizar a coleta de dados para suas pesquisas, na forma de entrevistas não presenciais, durante a pandemia, reforça o argumento de que as narrativas eram a melhor escolha e, por isso, o melhor método para responder ao objetivo da pesquisa, que foi: analisar as possibilidades e desafios do uso da entrevista não presencial como técnica de coleta de dados, a partir dos relatos de experiências durante a pandemia do COVID-19.

A coleta de dados foi desenvolvida através de entrevistas com roteiro semiestruturado, tendo como foco as experiências durante a pandemia. Foi realizada uma seleção dos indivíduos participantes através da técnica bola de neve, que se dá a partir do pesquisador utilizar os respondentes iniciais da sua pesquisa para identificar outros participantes, que também façam parte do grupo de possíveis respondentes (HAIR *et al.*, 2005). Considerando que o estudo começou a partir de um grupo que atua com pesquisas na área da Administração, os primeiros respondentes vieram dessa área, e os demais acabaram também sendo pesquisadores da mesma área do conhecimento.

Foram entrevistados professores da área da Administração das seguintes Universidades do Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O principal critério adotado para a escolha inicial dos respondentes refere-se ao docente que realizou ou orientou entrevistas on-line durante a pandemia. Dessa forma, a partir do primeiro entrevistado, foi solicitada uma indicação de outro com o mesmo perfil.

O critério para encerramento da coleta foi a saturação dos dados. Ou seja, quando uma amostra para coleta de dados não é determinada previamente, assim, conforme as entrevistas vão acontecendo e o pesquisador perceber que os dados começaram a se repetir, será finalizada a coleta de dados (GIL, 2019). Assim, a pesquisa foi finalizada com 11 respondentes. Vale ressaltar que, para evitar a exposição e garantir a confidencialidade dos participantes, dos dados e a ética na pesquisa, os entrevistados foram numerados de 1 ao 11.

As entrevistas ocorreram de forma presencial e não presencial, sendo possível também para as pesquisadoras experimentar as duas formas de coletar os dados com a mesma técnica. A escolha por atuar com as duas formas se deu pela acessibilidade e disponibilidade dos respondentes, que em alguns casos estavam distantes mais de 300 km ou 500 km da cidade das pesquisadoras.

O roteiro de entrevista contemplou 13 questões. As entrevistas ocorreram com tempo estimado de duração de 20 a 40 minutos. Todas as entrevistas foram gravadas, sendo realizadas de forma não presencial ou presencial, variando conforme a disponibilidade do entrevistado e da sua localização geográfica. O roteiro de entrevista está disponível anexo.

Para a análise de dados optou-se pela análise de conteúdo. Apesar de a pesquisa ter usado o método narrativo, que poderia indicar outras formas também de análise, como a análise de discurso; o objetivo do estudo tem mais relação com uma análise em que é possível categorizar as respostas e identificar no texto os trechos que apontam para os elementos que respondem ao objetivo da pesquisa.

Na visão de Bardin (1977, p. 31), a análise de conteúdo é ‘um conjunto de técnicas de análises das telecomunicações’ sendo um instrumento de observação que se adapta a diversas situações referente às comunicações. Foi realizada a partir da técnica de análise de conteúdo, seguindo as 3 etapas sugeridas pela autora: a pré-análise, na qual as autoras, após a transcrição das entrevistas, selecionaram o material que usariam para o estudo de forma a responder o objetivo da pesquisa com o que tinham coletado. Na segunda etapa o material foi explorado e codificado para facilitar o processo, e na terceira etapa ocorreu a interpretação dos resultados obtidos, na qual foi explanado o entendimento das autoras sobre o material coletado, dessa forma, foi categorizado *a priori*, organizando a análise de conteúdo conforme o material coletado das entrevistas a partir dos elementos que responderiam o objetivo do estudo, assim, criando os subtópicos a partir dessa categorização (BARDIN, 1977).

4 Análise e discussão dos resultados

Esta seção foi categorizada com base nas entrevistas, seguindo os passos previstos na técnica análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Assim, dividiu-se em subtópicos, a saber: i) perfil dos entrevistados; ii) experiência dos entrevistados com pesquisa na pandemia; iii) aplicativos e meios utilizados para realização das entrevistas; iv) percepções gerais e (des)vantagens da utilização de entrevistas na pandemia; e, por fim, v) perspectivas futuras para entrevistas mediadas por tecnologias.

4.1 Perfil dos entrevistados

Foram realizadas onze entrevistas com docentes da área da administração. O quadro 1 apresenta o perfil dos respondentes.

Quadro 1: Perfil dos entrevistados

| Participante | Sexo | Instituição | Abordagem Predominante | Formato das Entrevistas |
|--------------|-----------|-------------|------------------------|-------------------------|
| 1 | Masculino | UNIPAMPA | Qualitativo | Presencial |
| 2 | Feminino | UNIPAMPA | Qualitativo | Presencial |
| 3 | Feminino | UNIPAMPA | Qualitativo | Online |
| 4 | Feminino | UNIPAMPA | Não tem preferência | Online |
| 5 | Masculino | UNIPAMPA | Qualitativo | Online |
| 6 | Feminino | UFGRS | Quantitativo | Online |
| 7 | Masculino | FURG/UFPEL | Quantitativo | Online |
| 8 | Masculino | FURG/UFPEL | Qualitativo | Online |
| 9 | Feminino | FURG | Qualitativo | Online |
| 10 | Feminino | UFSM | Não tem preferência | Online |
| 11 | Feminino | FURG | Qualitativo | Online |

Fonte: Elaborado pelas autoras

Como pode-se visualizar no quadro 1, a maioria dos respondentes é do gênero feminino, desempenham suas funções na Universidade Federal do Pampa, sendo que a abordagem de pesquisa que os entrevistados têm maior tendência a realizar refere-se a pesquisas qualitativas.

Os entrevistados foram questionados se durante a pandemia suas pesquisas foram majoritariamente com essa abordagem. Os participantes 1, 2, 5 e 9 responderam que

apesar de suas preferências por sua formação serem qualitativas realizaram pesquisas quantitativas ou de métodos mistos. Já os entrevistados 3, 8 e 11 preferem qualitativa e só realizaram pesquisas dessa abordagem, os entrevistados 6 e 7 têm uma tendência a preferir abordagem quantitativa, mas realizaram pesquisas nas duas abordagens no período da pandemia, e os entrevistados 4 e 10 por não terem preferência também realizaram suas pesquisas nas duas abordagens. É importante destacar que o entendimento da literatura, assim como a perspectiva das autoras, é de que não há uma abordagem de pesquisa “melhor” que a outra, mas sim uma “mais adequada” em relação aos objetivos e temática estudada. Gil (2019) sustenta que toda pesquisa é fruto de uma problemática específica e, por isso, cada uma delas necessita de um delineamento específico, assim comprovando que a escolha por uma abordagem decorre somente do objeto estudado, e não de uma preferência pessoal.

Quando indagados a respeito da forma que realizaram as entrevistas durante a pandemia, responderam que foi a partir de orientações e pesquisas próprias. A maioria teve que adotar a estratégia de realizar as entrevistas remotas, com exceção dos dois primeiros entrevistados, uma vez que o objeto estudado por eles permitia e dependia do encontro pessoal.

4.2 Experiência dos entrevistados com pesquisa na pandemia

Os entrevistados foram questionados sobre sua experiência com entrevistas na pandemia. A resposta foi consenso entre todos os docentes. Eles orientaram trabalhos nesse período que precisavam realizar entrevistas, sendo esses trabalhos de conclusão de curso, estágios ou artigos de disciplinas. Os docentes também tinham projetos próprios de pesquisa em andamento. Além disso, participaram de entrevistas que eram convidados a responder. Sendo assim, pode-se dizer que os docentes vivenciaram as entrevistas remotas no período de pandemia seja como orientadores, pesquisadores ou como entrevistados.

Conforme já citado por Couto *et al.* (2020), o cenário de como realizar uma pesquisa precisou ser alterado devido à pandemia de Covid-19. O que se percebeu quanto aos entrevistados foi que nenhum dos docentes utilizou entrevistas como forma de coleta de dados neste período em artigos que não fossem oriundas de orientações de trabalhos de conclusão de curso ou dissertações; sendo esses trabalhos majoritariamente de

abordagem qualitativa, dessa forma, expondo prejuízo em suas pesquisas durante esse período.

Em conformidade com o exposto, os entrevistados relataram se encararam essas experiências de forma positiva ou negativa. Dessa forma, pode-se perceber diferentes perspectivas entre os entrevistados. Segundo o entrevistado 6 “*ó que eu entendo que há um prejuízo no trabalho, nos resultados dos trabalhos*”, assim percebe-se que esse docente sentiu a perda do contato nas entrevistas mediadas por tecnologias. Já o entrevistado 7 relata:

“...minha experiência com pesquisa foi bastante interessante e até bastante produtiva. Está sendo ainda bastante produtiva em alguns aspectos, em alguns aspectos talvez até mais produtiva do que a pesquisa do que a orientação feita presencialmente, em alguns aspectos...”

E reforçado pela fala da entrevistada 11, que relata a facilidade da utilização da tecnologia remota, inclusive em relação às orientações, tendo em vista que tem orientados que residem em cidade distinta: “*mas as orientações facilitaram, Né?*” “*Então, eu tenho orientandos que moram em Bagé*”. O que é contraposto pela entrevista 9 quando fala “*uma orientação assim presencial parece que ela rende mais*”. Assim, percebe-se que os docentes apresentam divergências em suas percepções sobre a adoção de tecnologias para realização de entrevistas e até mesmo de orientações.

Paes e Freitas (2020) relatam sobre a adaptação ou não de professores com a tecnologia, e sobre o aumento de sua carga horária devido essa adaptação, também elucidam sobre as dificuldades de alguns estudantes em conseguir ou não se adequar a esse cenário pandêmico por questões econômicas e tecnológicas. Desse modo, é possível compreender as diferentes percepções dos entrevistados, uma vez que a adaptação com as tecnologias não é uma realidade para todos os indivíduos.

Quando perguntados se já haviam utilizado a entrevista como técnica de coleta de dados antes da pandemia e de que forma, todos os entrevistados tinham feito uso desta técnica e em sua maioria de forma presencial com algumas exceções, como a do entrevistado 3: “*eu já fazia entrevista online mesmo antes da pandemia. Eu fiz entrevista online pra minha dissertação do mestrado lá em 2012*”.

Nesse sentido, todos os entrevistados haviam realizado entrevistas antes do período de isolamento social, de forma majoritariamente presencial, como pode-se observar na fala do entrevistado 5 “*já utilizava a entrevista, mas predominantemente presencial, nunca cogitava utilizar o online*”; o entrevistado 8 “*...não, não se fazia online, né? ...a gente procurava fazer presencialmente*”, o entrevistado 11 relata: “*elas eram*

presenciais e em alguns casos assim se a pessoa por exemplo tava em outro, em outros lugares, virtuais, mas era na maioria das vezes mais presenciais inclusive a gente se deslocava, né?". Uma fala interessante nesse ponto é a do entrevistado 2 que definiu a entrevista *face-to-face* como a que *"a gente conhece"* e *"como a gente aprendeu a fazer"*. Nesse sentido, Deakin e Wakefield (2014) caracterizam as entrevistas presenciais como sendo as *"tradicionais"* e *"proeminentes"*.

Ao mesmo tempo que os pesquisadores tiveram que se reinventar e utilizar novas maneiras de coletar dados primários, *"não havia obviamente um consenso de como que você vai coletar dados de maneira online"* segundo o entrevistado 5, e, portanto, eles se depararam com mais dificuldades e dilemas quanto à forma de, efetivamente, fazer pesquisa. Assim, durante esse período realizaram-se entrevistas mediante diversos aplicativos e formas, inclusive presencial, na tentativa de viabilizar o andamento das pesquisas, o que pode ser observado na narrativa do entrevistado 3:

"..., mas com certeza assim, se não fosse os meios digitais durante a pandemia ficaria muito difícil os alunos fazerem TCCs, ficaria muito difícil de realizar as pesquisas pra alguns alunos, né? Pra algumas pesquisas seriam realmente inviáveis. Não, não teria como se realizar se não fosse essas ferramentas tecnológicas."

Durante a pandemia as entrevistas mediadas por tecnologia se tornaram necessárias, uma vez que as pesquisas precisavam continuar, ao mesmo tempo que o distanciamento físico e as orientações sanitárias deveriam ser seguidas como relatado pelo entrevistado 1, que optou por orientar seus alunos que as entrevistas fossem realizadas via *Google Meet*, com a finalidade de resguardar a saúde de seus orientandos e dos entrevistados. Schmidt *et al.* (2020, p.7) dizem que

"Apesar dos desafios, entende-se que as entrevistas online apresentam potencialidades, sobretudo no que diz respeito à realização de estudos qualitativos no contexto de distanciamento social imposto pela COVID-19, por se tratar de uma das poucas alternativas no atual cenário, além da possibilidade de se investigar diversos temas presentes na vida das pessoas e das famílias em distanciamento social".

Outros entrevistados também comentaram a realização da coleta de dados mediada por tecnologia. Sendo assim, o entrevistado 9 comenta: *"foram todas mediadas por tecnologia"*; o entrevistado 11, *"a maioria foi mediada por tecnologia, né"*; o entrevistado 6, *"geralmente a entrevista é feita por Meet"*; e o entrevistado 4, *"no primeiro período da pandemia era só com tecnologias... agora depois né que já existiu vacina e tudo mais, está retomando bastante as entrevistas presenciais"*.

Houve alguns casos em que a presencialidade continuou, como no caso apresentado pelo entrevistado 3 em que a presencialidade era inevitável, uma vez que o pesquisador trabalhava de forma presencial na empresa estudada ou ainda por preferência como o entrevistado 8 mencionou. Conforme Brinkmann (2017) já elucidou, as entrevistas podem ser tanto presenciais quanto mediadas por tecnologias, pois a modalidade online oferece a possibilidade de entrevistar pessoas geograficamente distantes. Tal ação foi a opção de grande parte dos entrevistados, com a finalidade de minimizar os contatos pessoais em decorrência da pandemia.

4.3 Aplicativos e meios utilizados pelos entrevistados para realização das entrevistas online

A entrevista mediada por tecnologia por Web conferência foi utilizada por todos os entrevistados, por meio de aplicativos como: *Google Meet, Skype, Zoom e Teams*. Conforme o entrevistado 2, *“foi usado basicamente o Google Meet”*, assim como o entrevistado 6: *“É basicamente esse mesmo, o Meet, que como ele é o ambiente que a universidade usa basicamente se utilizou esse”*. Já o entrevistado 7 ressalta: *“mas eu acredito que tenha sido o Zoom que é o que as universidades usam lá”*. Contemplando com as palavras da entrevistada 2 sobre entrevistas por Web conferência: *“Ah foi mais rápido, mais dinâmico, mais barato”*.

O entrevistado 10 ressalta que adotou a estratégia de realizar uma entrevista estruturada via e-mail: *“um dos entrevistados não conseguiu conceder a entrevista via Google Meet (...) e aí ela mandou toda a entrevista, o protocolo por e-mail”*. Segundo Cavalcanti (2005), na utilização do e-mail para entrevistas e comunicação ocorre a perda do “olho no olho” que as entrevistas mediadas por tecnologia, em especial no formato videochamada, e as tradicionais entrevistas presenciais proporcionam. Assim, o autor classifica a opção de envio de roteiro via e-mail, como a última alternativa para ser escolhida. O entrevistado 5 também relata sua experiência com entrevistas estruturadas nesse período:

“Começar a usar mais o Google Forms pra questões abertas onde as pessoas iriam escrever. E aí a gente começou até discutir entre outros colegas como é que seria entendido isso. Porque bom, é um questionário porque é fechado, mas fechado diz assim de que não é um questionário porque as questões estão dadas de ser estruturado. Então seria uma entrevista estruturada porque o entrevistador não tem autonomia nenhuma. Ali ele manda pra pessoa a pessoa vai seguir aquele fluxo e não tem muito o que fazer.... dizendo isso que era tipo de entrevista estruturada autoadministrada, porque é a pessoa que recebe e se autoadministra o quanto que ela quer escrever ali, o quanto vai, né?”

Em conformidade com essa fala, a entrevistada 6: *“ah sim o Google Forms, com certeza, né?” “A gente fez com essa graduanda Google Forms e ela fez entrevistas também”*.

Janghorban *et al.*, (2014) e Schmidt *et al.*, (2020) elucidam sobre dois tipos de entrevistas: as síncronas e as assíncronas, sendo que as síncronas apresentam maior número de informações e dados comparados com as assíncronas. A entrevista usada de maneira síncrona pelos entrevistados foi a Web conferência, as outras foram em momentos assíncronos em que os dois não estavam conectados ao mesmo tempo. Formas assíncronas de coletar dados poderiam ser caracterizadas por mensagens ou até gravações de áudios de pergunta e resposta, por exemplo.

Um aplicativo utilizado por alguns respondentes foi o WhatsApp. O mesmo causa controvérsias quando questionado para outros respondentes sobre o seu uso. Os entrevistados 2, 3, 4, e 9 realizaram entrevistas dessa forma, no entanto não foi sua primeira opção. Para o entrevistado 2: *“eu tenho uma aversão, eu não considero entrevista se for áudio de WhatsApp”*, porém em uma de suas pesquisas o entrevistado precisou realizar: *“eles falavam me manda as perguntas que eu respondo por áudio”*, e o entrevistado 2 completou: *“eu tenho muita dificuldade de chamar aquilo como uma entrevista”*. Já o entrevistado 4 comenta: *“dos meus orientandos na pandemia, vários não conseguiram, assim, desempenhar bem a pesquisa. Porque a entrevista ficou, se deu com base em áudios do WhatsApp”*.

Já os entrevistados 1, 6, 7 e 10 não utilizaram o WhatsApp. O entrevistado 7 diz que *“isso é um dos problemas vamos dizer assim (...) há uma quase uma teimosia em fazer as coisas pelo Whats, né?”*. E o entrevistado 6: *“WhatsApp não é a melhor ferramenta pra se utilizar na entrevista”*.

Os entrevistados 5, 8, 11 utilizaram da ferramenta WhatsApp e consideraram sua utilização adequada para o momento. Não elogiaram, mas usaram normalmente para atingir seu público-alvo, conforme o entrevistado 8: *“é teve situações de utilização do WhatsApp também né e com o envio de perguntas de perguntas, né? E a gravação da resposta, né?”*. Nas palavras do entrevistado 11: *“e alguns se sentiam mais à vontade de responder já por mensagem”*.

Os entrevistados defenderam o uso do WhatsApp para enviar links de reuniões já marcadas, sendo uma forma de facilitar a interação, mas não a melhor forma de realizar a entrevista mediada pela tecnologia. Isso é confirmado pela literatura quando se diz que *“...evidências revelam que videoconferências geram um volume de dados*

expressivamente maior em comparação a entrevistas baseadas em texto (mensagens instantâneas, e-mails e fóruns de discussão)” (SCHMIDT; PALAZZI; PICCININI, 2020, p. 962), suportando assim que a forma mais adequada, seja na perspectiva dos entrevistados e do aporte teórico, é a entrevista síncrona, independente do formato presencial ou mediada por tecnologia.

4.4 Percepções gerais e (des)vantagens da utilização de entrevistas na pandemia

Gray *et al.*, (2020) em seu estudo apresentam a acessibilidade como uma das “forças” das entrevistas mediadas por tecnologias. Por isso, buscou-se também verificar se esse formato de coleta de dados pode contribuir na obtenção de maior participação dos potenciais entrevistados. Da mesma forma, o entrevistado 6 comentou que elas são “...uma forma também da gente conseguir abranger mais pessoas e reduzir o custo da pesquisa”.

Os entrevistados apresentaram algumas divergências em suas posições, sendo que cinco deles percebem esse meio de coleta de dados como de menor acessibilidade, e os demais como de maior acessibilidade. O primeiro grupo, começando pelo entrevistado 1 que diz: “*eu não diria eh que foi mais acessível e que eh houve eh efetividade. Eu não diria isso. Eu entendo o momento, né? As circunstâncias que nos levaram a esse tipo de prática, né? Porque não fosse a pandemia eu preferiria a presencialidade, né?*”. Na mesma linha, o entrevistado 2 comenta que “*não, na verdade acho que até dificulta, né?*” isso porque ele considera que “*a pandemia dificulta, seja pelo medo, seja porque as pessoas ficaram mais intro, seja porque se refletiu sobre os processos*”. O entrevistado 4 da mesma forma diz que “*eu poderia responder que não, que não foi mais acessível, foi uma dificuldade enorme*” porque considera que as pessoas durante a pandemia viveram um “cenário de caos” e que muitas vezes elas sentiam-se até incomodadas pelo pesquisador por já estarem sobrecarregadas. Além disso ele consta que “*eu acho que no presencial eu falava muito mais quando eu era entrevistada*”. O entrevistado 1 de acordo com a fala anterior sugere que “*quando é gravação de imagem e voz a pessoa já fica um pouco mais “perturbada”*”.

O entrevistado 7 considerou que as entrevistas mediadas por tecnologias limitavam a espontaneidade começando pela maneira que o entrevistado era inicialmente abordado para responder a pesquisa e até pela retenção de informações por parte deles por saberem que estão gravando sua imagem e assim tentar se “policiar”. O entrevistado

11 parece estar de acordo com as falas anteriores por dizer que é *“difícil, né. Eu acho que é mais desafiador as pessoas falarem mais”*.

Em contrapartida, os demais entrevistados apresentam duas principais razões pelas quais as entrevistas mediadas por tecnologias podem ser consideradas mais acessíveis: a agenda (tempo) e a localidade. De forma mais completa, o entrevistado 3 comenta:

“Eu acho que, eu acho que sim eh por dois motivos assim. Primeiro pelas características do mundo atual da contemporaneidade as pessoas tão sempre correndo, as pessoas não têm tempo(...)Então em função da rapidez dos nossos tempos, dessa coisa de tá todo mundo sempre atrasado, sempre atrás né do relógio eu acho que facilita porque tu diz “olha, eu não vou tomar muito o teu tempo é só aqui nesse horariozinho aqui e tal hora” e a entrevista consegue ser realizada(...) O segundo ponto que eu acho que a entrevista pelas ferramentas digitais auxiliam a ter uma, uma participação maior de pessoas é pelo alcance da tecnologia. As pesquisas que a gente faz hoje em dia elas não precisam ser somente com as pessoas que estão no mesmo espaço geográfico que a gente”.

Estão de acordo com a fala do entrevistado supracitado os entrevistados 8: *“ah eu acredito que sim, é mais fácil de, de conseguir uma agenda, né e de ter acesso às pessoas, então eu acho que é uma tecnologia que facilita bastante, que a gente consiga fazer uma entrevista sem precisar, né, se deslocar”*; 5: *“Eu acredito que sim, assim a tecnologia acabou que nos abriu o universo para pesquisa qualitativa poder ampliar os domínios de localidade”*; e o entrevistado 10:

“É difícil assim alguém não ter um horário pra atender eh quando a gente usa a tecnologia. Em algum momento a gente reserva ali e consegue ajudar aí quem está fazendo pesquisa, enfim(...) Pra coleta assim ãh de entrevista que eu como vocês estão fazendo agora onde há necessidade de falar com a pessoa eu acho que isso facilitou por questões geográficas, né”.

A entrevista on-line como técnica de coleta de dados tem suas vantagens e desvantagens, as quais devem ser ponderadas, a fim de definir se atenderão ou não aos objetivos e objetos do estudo (SCHMIDT *et al.*, 2020). O entrevistado 11 mencionou nesse sentido que *“então, assim como técnica de coleta de dados tem os prós e contras, né... agora dentro então das entrevistas vai ter entrevista presencial positiva e negativa, e as intermediadas por tecnologia também positiva e negativa”*.

Em razão dos questionamentos realizados em relação às vantagens e desvantagens da utilização da tecnologia nas entrevistas, elaborou-se o quadro 2, a partir das ponderações dos entrevistados.

Quadro 2: Vantagens e desvantagens das entrevistas mediadas pela tecnologia

| Vantagens | Desvantagens |
|--|--|
| Facilitou na hora de não precisar haver deslocamento para encontrar o entrevistado | Conexão com a internet instável |
| Os custos da entrevista mediada por tecnologia são mais acessíveis | Falta de acesso de todos à tecnologia |
| Maior alcance geográfico | Impossibilidade de saber se a pessoa está agindo de uma forma ética por trás da câmera, se está realmente presente na entrevista |
| Maior facilidade de se adequar à agenda do entrevistado | Falta de contato, deixando a entrevista mais fria |
| Maior facilidade na gravação das entrevistas | Falta de confiança da parte do entrevistado por estar gravando a imagem |
| Maior facilidade para realização de pesquisa longitudinal | Impossibilidade de captar as nuances do ambiente |

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nas entrevistas

Como já citado por Gray *et al.*, (2020) e Deakin e Wakefield (2014), o uso de videoconferência auxilia os pesquisadores a manter os custos baixos em suas pesquisas, e na monetização do tempo entre o entrevistador e o entrevistado, o que também contribui para o acesso do público estudado em maior escala e localidade, corroborando com as vantagens da entrevista mediada por tecnologia.

Os entrevistados também pontuaram as principais diferenças que perceberam ao utilizar a técnica de entrevista no formato remoto. A narrativa do entrevistado 3 elucidada: *“é o timing da interação. Tipo é esse tempo mesmo que tu tem pra conseguir ter uma resposta rápida ou uma interrupção”*. Já o entrevistado 5 contempla:

“Eu acho que de um lado você tem mais alcance, mas, em compensação, no outro você também não tem essas nuances de respostas de expressões do corpo, às vezes até a própria fala e entonação na captação do áudio vem de uma única maneira, enfim não sei. Eu acho que tem coisas que se perdem e que se ganham”.

O entrevistado 8 complementa: *“então, se a pessoa não abre a câmera, também fica bastante limitado, né? A gente precisa perceber as expressões, precisa perceber, né?”* e pelo entrevistado 10 *“mas a principal assim é esse contato, a presencialidade ali, o face-to-face, estar com a pessoa, tu ahm observar então o entorno, os gestos”*. Em complemento às falas dos entrevistados, o estudo de Santhiago e Magalhães (2020) aponta que umas das vantagens das entrevistas on-line é não precisar utilizar o gravador de voz, ajudando muitas vezes na capacidade de intimidação do entrevistado perante o

objeto. Os autores destacam também que uma das desvantagens pode ser os problemas técnicos que podem acontecer durante as videoconferências, como interrupções nas ligações por problemas de rede e conexões.

4.5 Perspectivas futuras para entrevistas mediadas por tecnologias

Quando os entrevistados foram indagados se acreditavam que as entrevistas mediadas por tecnologias continuariam sendo utilizadas no período pós-pandêmico, foram unânimes em afirmar que sim, seja pela facilidade ou pela preferência dos envolvidos. Como disse o entrevistado 1: *“sim. Seguirá, seguirá (...) Vai acontecer de um entrevistado dizer ‘ah eu prefiro que a entrevista seja on-line, pode ser?’ e aí pra não perder o entrevistado você cede”*. Na mesma linha, o entrevistado 8 disse que *“acho que depois da gente ter experimentado, não tem como voltar atrás, então acredito que vá se muito mais as entrevistas on-line, e até tem muitas pessoas que preferem, né”*.

Uma reflexão importante sobre o futuro dessa técnica de coleta de dados é a que traz o entrevistado 2 que diz que:

“É uma coisa que não volta mais. (...) A gente só tem que considerar que nem todo mundo é globalizado, nem todo mundo acessa as ferramentas, nem todo mundo acessa a internet. Então, tem pesquisas que estão muito particulares e que não vai funcionar. Mas de maneira geral não se volta mais. É algo que vai ser incorporado e vai ser aceito e inserido no nosso dia a dia”.

Portanto, muito embora as entrevistas mediadas por tecnologia tenham sido uma estratégia para a continuidade das pesquisas em um período que foi preciso priorizar o distanciamento físico entre os indivíduos, é preciso considerar sempre o objetivo e objeto do estudo, a fim de identificar se a entrevista mediada por tecnologia é o melhor formato para realizar a coleta de dados. O entrevistado 3 também traz essa reflexão quando comenta que *“...ela vai funcionar muito bem sim, mas a gente não pode esquecer de observar o contexto dos nossos entrevistados, né?”*. De acordo com Santhiago e Magalhães (2020, p. 15): *“...a entrevista virtualmente conduzida pode ser frutífera e até necessária, desde que as condições de sua produção sejam discutidas metodologicamente em termos de como elas impactaram o resultado final do relato”*. Sendo assim, pode-se dizer que as entrevistas mediadas por tecnologias serão aceitas quando devidamente argumentadas como coerentes para o objetivo e objeto de pesquisa.

5 Conclusão

O presente estudo propôs analisar as possibilidades e desafios do uso da entrevista não presencial como técnica de coleta de dados, a partir dos relatos de experiências durante a pandemia do COVID-19, sendo assim, acredita-se que tenha cumprido com seu objetivo.

É possível identificar que as entrevistas mediadas por tecnologias tendem a ser cada vez mais presentes nas pesquisas qualitativas e ganharão espaço como uma alternativa em relação à entrevista tradicional, figurando como uma estratégia atual e moderna. Faz-se importante a reflexão quanto aos objetivos e objeto do estudo para o qual as entrevistas mediadas por tecnologia serão utilizadas para a boa condução da pesquisa onde o planejamento é essencial.

Os resultados evidenciaram que a entrevista mediada por tecnologias continuará sendo utilizada como técnica de coleta de dados pelos benefícios proporcionados, como o alcance geográfico e a otimização de tempo e dinheiro, e que assim como qualquer outra técnica de coleta também tem desvantagens em seu uso, entre essas encontram-se o contato entre entrevistador e entrevistado, a conexão da internet, a perda de alguns gestos e possíveis observações no lócus de cada entrevistado e, por fim, a perda da espontaneidade e do *timing* da interação.

É evidente também que no uso dessa técnica, mediada por tecnologia, é necessário um planejamento cuidadoso quanto às ferramentas a serem utilizadas para que o princípio da interação da entrevista seja alcançado. As ferramentas mais utilizadas pelos entrevistados nesse caso foram as que permitiam a videoconferência que possibilita a interação entre entrevistado e entrevistador, porém, em alguns casos, outras formas, como o E-mail, o Google Forms e o WhatsApp, foram usadas e foram consideradas menos eficientes para a realização de entrevistas sendo possível utilizá-las, mas como maneira de mobilização e primeiro contato com o sujeito da pesquisa.

Como contribuição da pesquisa destaca-se a análise da modalidade de entrevista para coleta de dados propondo sugestões sobre o bom uso desta e abrindo novos horizontes para futuras pesquisas necessárias a fim de robustecer a técnica. O estudo teve limitações como a falta de participação dos orientandos dos professores entrevistados, que muitas vezes de fato realizaram e conduziram a pesquisa a campo entrevistando os sujeitos por eles estudados. Outro limitador é que o grupo entrevistado é um relativamente pequeno de professores, restrito à área da administração das universidades federais do

estado do Rio Grande do Sul, não abrangendo outros cursos e/ou outras instituições de diferentes localidades.

Quanto às sugestões para estudos futuros, uma possibilidade seria a revisão de artigos que utilizaram dessa técnica para verificar se o uso dela foi devidamente justificado. Sugere-se ainda uma revisão sistemática da literatura em bases nacionais e internacionais, bem como a continuidade nas investigações sobre as intenções dos pesquisadores na continuidade do uso e também a verificação de que forma as entrevistas mediadas pela tecnologia irão ocorrer, uma vez que, apesar de já existir uma base teórica, ela ainda se mostra insuficiente pela demanda no cenário atual.

Referências

AZEVEDO, B. C; TENCA, L. C; MOMBELLI, C. S. Os Efeitos Da Pandemia De COVID- 19 Sobre O Trabalho Das Professoras Pesquisadoras De Relações Internacionais. **Revista Conjuntura Austral**, Porto Alegre, v. 12, n. 59, p. 73-88, jul./set. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa edições, 70, 225, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus COVID-19. Disponível em: <https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Portaria-mec-343-2020-03-17.pdf>. Acessado em: 16 jul. 2020.

BRINKMANN, S. Capítulo 26- The Interview. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (eds.). **The SAGE Handbook of Qualitative Research**. 5. ed. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications, 2017. p. 997- 1038.

CAVALCANTI, Mario Lima. **Os possíveis prós e contras na utilização do e-mail e dos comunicadores instantâneos como ferramentas para se fazer entrevistas**, 2005. Disponível em: <http://www.comunique-se.com.br/conteudo/newsshow.asp?op2=&op3=&editoria=135&idnot=21597>. Acesso em: 10 de jul. 2023.

COUTO, E. S.; COUTO, E. S.; CRUZ, I. de M. P. #FIQUEEMCASA: EDUCAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v.8, n. 3, p. 200 - 217, maio. 2020.

DEAKIN, H; WAKEFIELD, K. Skype interviewing: reflections of two PhD researchers. **Qualitative Research**, Londres, v. 14, n. 5, p. 603- 616, out. 2014.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.) **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GRAY, L; WONG-WYLIE, G; REMPEL, G; COOK, K. Expanding Qualitative Research Interviewing Strategies: Zoom Video Communications. **The Qualitative Report**, Florida, v. 25, n. 5, p. 1292-1301, maio. 2020.

HAIR JR., J. F.; BARRY, B.; MONEY, A. H.; SAMOUEL, P. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

JANGHORBAN, R; ROUDSARI, R. L; TAGHIPOUR, A. Skype interviewing: the new generation of online synchronous interview in qualitative research. **International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 24152, abr. 2014.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, C. L. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Travessias**, Cascavel, v. 2, n. 3, p. 1-16. 2010.

PAES, F. C. O; FREITAS, S. S. Trabalho docente em tempos de isolamento social: uma análise da percepção do uso das tecnologias digitais por professores da educação básica pública. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 12, n. 2, p. 129-149, set. 2020.

SANTHIAGO, R; MAGALHÃES, V. B. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 27, n. e2020011, p. 1-18. 2020.

SCHMIDT, B.; PALAZZI, A.; PICCININI, C. A. Entrevistas on-line: potencialidades e desafios para coleta de dados no contexto da pandemia de COVID-19. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, Uberaba, v. 8, n. 4, p. 960-966, out/dez. 2020.

SORDI, J. O. D. **Elaboração de pesquisa científica**. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

Recebido em: 24 de janeiro de 2023.

Aceito em: 22 de maio de 2023.

ANEXO

Roteiro de Entrevista

- 1- Você realizou ou orientou alguma entrevista durante a pandemia? Como foi sua experiência com pesquisa durante esse período?
- 2- Suas pesquisas foram majoritariamente de abordagem qualitativa neste período?
- 3- Utilizou as entrevistas como técnica de coleta de dados em artigos próprios ou em orientação?
- 4- Antes da pandemia, você já utilizava a entrevista como técnica de coleta? De qual forma?
- 5- Como foram realizadas as suas entrevistas durante a pandemia? Foram feitas presencialmente ou mediadas por tecnologias?
- 6- Quais os aplicativos e meios foram utilizados por vocês para realização das entrevistas no período da pandemia?
- 7- Você acredita que foi mais acessível obter maior participação dos entrevistados pelo uso da tecnologia?
- 8- Quais as maiores vantagens que sentiram utilizando desta técnica de forma remota?
- 9- Quais as maiores dificuldades que sentiram utilizando desta técnica de forma remota?
- 10- Quais as maiores diferenças que sentiram utilizando desta técnica de forma remota?
- 11- Acredita que a realização de entrevistas on-line será de maior uso agora no período pós-pandêmico? Por quê?
- 12- Gostaria de fazer alguma última consideração?
- 13- Poderia nos sugerir um outro docente da área da administração para participar desta entrevista?